

INÉDITOS E DISPERSOS

NORDESTINAS

Maria Lúcia Dal Farra

1.

Lida

O Compadre afia a faca
- mas que ninguém lhe indague
(pois que a rima já redargui)
se é esse o seu ofício.

Não que pra isso fosse nascido...
Ora! não foi tido ou havido!
É que a crer em suas mãos grossas
vê-se que topa (nesta vida) qualquer joça.

De tarde aboiando
no seu cavalo sendeiro
recolhe Roliúda e Flor da Roça
para o leite das seis horas;

de noite, candeia na mão,
vai ver por onde anda e corta
a formiga da mandioca.
E num fôlego só, dá uma corra:

- não é que caçam a desoras?!
Compadre tudo vê
de tudo cuida e sabe.
Mas para si próprio

- do que é que se vale?

*

2.

Guia

Quem da árvore se ausenta
fica mal com a vida –
ela própria a verticalidade
e o horizonte de qualquer possível.

*

3.

Cativeiro

Com a calma de bicho milenar
que sabe a hora e a vez de o bote sacar
ele me aguarda.
De longe sopra
(roçando no meu cangote)
o bafo íntimo de sua quentura.

Fareja um jeito, prepara o cerco.
Vai lançando (uma a uma)
as achas do lume onde vou me arder
e avalia -
me judia na corda frouxa do abraço que não vem.

Avança e recua
(feito fogo, labareda)
feito macho que futura
mil prodígios de volúpia
- para nunca os consumir.

*

4.

Natal nordestino

Dezembro.
De dentro pra fora
ou de fora pra dentro –
como nasce o caju?

Dezembro:
Maria dá luz a Jesus.
A polpa e seu caroço –
caju.

*

5.

Morada

Alva casa do alto da colina!
Tua paz de refúgio ancoradouro
põe tantas tréguas neste olhar errante
que mesmo de tão longe
(alvissareira)
me tornas teu precoce habitante.

Em ti possuo cama e mesa, até chamegos.
Tu tens escada e o homem que me afaga:
és porão, raiz, sótão, copa d'árvore.

És a colcha de retalhos que cerzi
para fincar-me na terra
feito a ti.

*

6.

Abraço

Quando
(desde as minhas costas)
as tuas mãos vêm tateando lado a lado
o meu corpo
em busca do meu imo
- estendo-me para ti em aconchego
como um ninho.

Me espraio e me aporto.
E a rede que eu fora antes
(teu descanso)
se retesa em arrepios
e nos ata a ambos
numa pessoa inteira.

*

7.

Parábola

Há no ar sinais erráticos
(pasto de profecias?)
mas ninguém sequer repara
na música que soa no coreto da praça.

Embora atentos
estão todos submersos
no aquário super destro
de parabólica iniciação.

*

8.

Morte

A pedra pesa
e me remete pra aquela
que arde
no centro da terra –
grave, cava
imantada.

O fruto cai,
eu mesma caio.
Cai o planeta
onde a gente se aguenta.

Cai tudo para dentro de si:
buraco negro do sem fim.

*

9.

Sobrevida

Matéria ardente que o fogo
arrebata para si
- assim a mariposa.

Venho clamar por clemência:
por que deve fenecer
quem se acumula de luz?

Canto
(portanto)
às escuras.

*